



**Aduff convoca docentes e comunidade universitária a retomar a luta para barrar os cortes e derrotar Bolsonaro**

**Derrotar Bolsonaro para impedir a destruição da universidade pública e gratuita**

■ Cortes em plena eleição soam como aviso do que esperar para a educação se ele for reeleito

■ Lira defende reeleição de Bolsonaro para votar PEC-32, que abre portas para demissões e rachadinhas

■ Intervenções dão a Bolsonaro título de maior interventor desde a redemocratização

■ Aduff defende luta permanente para impedir fim da gratuidade e cobrança de mensalidade

## Editorial



## É hora, docente: há um segundo turno para presidente do Brasil

Na última edição do Jornal da Aduff, dissemos aqui que um dos grandes desafios que a comunidade acadêmica teria este ano seria a sucessão presidencial. Não só pelo significado geral, mas particularmente porque nenhum presidente da República do Brasil foi tão hostil à universidade pública quanto o atual.

Seus ministros da Educação e ele próprio levantaram acusações bizarras e levianas sobre as instituições acadêmicas, desde o chamado “marxismo cultural”, que seria ensinado nas salas de aula, ao plantio de maconha nos *campi*.

Além dessas expressões grotescas da hostilidade governamental, entre 20% a 30% das verbas que historicamente se destinavam ao ensino superior foram cor-

tadas. Isso levou as universidades públicas à penúria. Pesquisas em andamento foram suspensas; bolsas acadêmicas, reduzidas, assim como programas sociais de permanência para milhões de estudantes pobres, que necessitam desse apoio financeiro para frequentar seus cursos.

O apreço pela ciência, que impulsiona as pesquisas, e o respeito à liberdade de pensamento e expressão, os programas de permanência, a política de cotas e outras ações de amparo aos mais necessitados, todo esse conjunto de fazeres caracterizam hoje as universidades públicas.

Somos centros e ambientes de solidariedade, afetividade e empatia pelo ser humano e seus direitos fundamentais. Mas tudo isso não encontra

eco nas correntes autoritárias e supremacistas que constituem o atual governo federal.

Nesse contexto, os resultados do primeiro turno das eleições gerais aumentam o desafio de superarmos essa fase perigosa e afastar os riscos, sejamos mais precisos, à própria sobrevivência da universidade pública com os compromissos republicanos, humanistas e inclusivos.

Por isso, mais do que constatar esse risco, cabe a cada um de nós, que ajudamos cotidianamente a construir essa universidade, fazermos algo para preservá-la.

Os que dispõem do conhecimento da história, que sabem, pela experiência ou pelos livros, o que significa o retrocesso no plano da democracia, da ciência

e do humanismo, dos direitos dos trabalhadores e dos discriminados de todo tipo, têm o dever de se mobilizar para tentar deter o processo em curso de fascistização da nação, combinado com o empresariamento da educação.

O segundo turno da eleição presidencial se transformou nesse desafio.

Cabe buscar o diálogo e compartilhar nossos conhecimentos históricos. Cada um e todos, juntos nas entidades, nos coletivos ou até mesmo no esforço solitário, precisamos cumprir com nosso dever cívico, que, neste momento, vai além de votar, vestir uma camiseta ou pôr um adesivo – exige a nossa voz e a nossa presença nos espaços onde se fazem a política e a disputa dos votos.

### Funcionamento da sede da Aduff



Eliângela Leite

A sede da Aduff reabriu para atendimento presencial em 26 de abril. Na secretaria, o horário de funcionamento é das **9h às 18h** (fechada de 12h às 13h para o horário de almoço).

### Plantão Jurídico



O retorno presencial do Plantão Jurídico começou no dia 29 de abril, no horário das **10h às 13h**.

### Para receber notícias da Aduff

#### ADUFFZAP (21) 97276-2018

Basta salvar o telefone da Aduff em seus contatos no celular e enviar mensagem para o Aduffzap com a frase: "Quero receber notícias".

#### BOLETIM

Para receber o boletim digital de notícias da Aduff, é preciso informar o e-mail. Para isso, envie uma mensagem para [cadastro@aduff.org.br](mailto:cadastro@aduff.org.br) ou pelo Aduffzap.

Associação dos Docentes da UFF

**ADUFF**  
**SSind**

 Seção Sindical do Andes-SN  
 Filiação à CSP/Conlutas  
 Edição concluída em  
 xx de xxxx de 2022

 Biênio 2020/2022  
 Gestão "Autonomia,  
 Unidade e Luta"

Presidente: Kate Lane Costa de Paiva • 1º Vice-Presidente: Claudia March Frota de Souza • 2º Vice-Presidente: João Claudino Tavares • Secretária-Geral: Elizandra Garcia Da Silva • 1º Secretário: Edson Teixeira da Silva Júnior • 1º Tesoureiro: Arley José Silveira da Costa • 2º Tesoureiro: Gelta Terezinha Ramos Xavier • Diretoria de Comunicação (Tit): Percival Tavares da Silva • Diretoria de Comunicação (Supl): Claudio Roberto Gurgel • Diretoria Política Sindical (Tit): Rodrigo Torquato da Silva • Diretoria Política Sindical (Supl): Waldyr Lins de Castro • Diretoria Cultural (Tit): Rafael Mendonça Dias • Diretoria Cultural (Supl): Poliane Gaspar de Cerqueira • Diretoria Acadêmica (Tit.): Paulo Antônio Cresciúlo de Almeida

**Editor**  
 Hélcio L. Filho

**Jornalistas**  
 Aline Pereira  
 Lara Abib

**Revisão:**  
 Eliane Salles

**Projeto gráfico e diagramação**  
 Gilson Castro

**Imprensa**  
[imprensa.aduff@gmail.com](mailto:imprensa.aduff@gmail.com)
**Secretaria**  
[aduff@aduff.org.br](mailto:aduff@aduff.org.br)
**Sítio eletrônico**  
[www.aduff.org.br](http://www.aduff.org.br)
**Facebook**  
[facebook.com/aduff.ssind](https://facebook.com/aduff.ssind)
**Twitter**  
[twitter.com/aduff\\_ssind](https://twitter.com/aduff_ssind)
**Impressão**  
 Gráfica EDG - 3 mil exemplares

# Bolsonaro arma calote contra servidores

Proposta orçamentária do governo para 2023 tenta 'apagar' 4 anos de inflação e consolidar perda de quase um terço dos salários

Hélcio Lourenço Filho  
Da Redação da Aduff

Recursos previstos no orçamento enviado ao Congresso por Bolsonaro, que congelou os salários dos servidores civis por quatro anos, permitem reposição de menos de 5%, diante de uma inflação acumulada de quase 30%. A proposta orçamentária pode ser vista como uma declaração da intenção do presidente Jair Bolsonaro de 'enterrar' quase quatro anos de perdas salariais decorrentes das altas taxas de inflação registradas em seu governo.

Bolsonaro encerrará o mandato, em 31 de dezem-

bro de 2022, sem que tenha concedido quaisquer reajustes salariais aos servidores em quatro anos de gestão.

A inflação acumulada em quatro anos de mandato chegará próxima a 30%. Isto é, a proposta de orçamento apresentada pelo presidente Bolsonaro significa uma tentativa de 'esquecer' a maior parte das perdas inflacionárias e consolidar a redução relativa dos salários.

Além de não conceder reajustes, Bolsonaro tentou aprovar, sem sucesso, uma 'reforma' Administrativa caracterizada pelos sindicatos como um violento ataque aos serviços públicos.



Luiz Fernando Nabuco

Aritatquatis alibus consecatius dolo con restiae. Itaquistis

Outra medida de Bolsonaro que atingiu duramente os servidores e servidoras foi a aprovação, em 2019, de uma 'reforma' previdenciária

que posterga ou inviabiliza a aposentadoria de milhões de trabalhadores.

No serviço público, levou ainda, na prática, à redução

dos salários de boa parte do funcionalismo com a imposição de novas e mais altas alíquotas de contribuição previdenciária.

## Ao defender reeleição de Bolsonaro, Lira diz querer votar ainda este ano a PEC-32, que abre caminho para demissão de servidores

O presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira (PP-AL), demonstrou contar com a reeleição do presidente Jair Bolsonaro (PL) para aprovar ainda este ano a 'reforma' Administrativa do governo, em tramitação no Legislativo, que acaba com a estabilidade no emprego e permite redução de salários.

É o que ficou explícito na entrevista que deu ao programa Estúdio I, da Globo News. "Neste ano, ainda dá para debater a reforma administrativa", disse. "Fizemos um Congresso reformista. Temos pendências que acredito que nós temos como terminar ainda este ano", disse.

Conhecido como o 'chefe' do chamado orçamento

secreto criado pelo governo Bolsonaro, Lira não esperou 24 horas após ser reeleito para dar tais declarações sobre uma 'reforma' que soa como ameaça para os servidores.

Entre outros impactos, a proposta defendida pelo governo no Congresso acaba com a estabilidade no emprego do funcionalismo, permite a redução de salários, limita a contratação de servidores por meio de concurso público público, autoriza o presidente a extinguir órgãos públicos criados pelo Congresso e abre caminho para terceirizações, privatizações e até para esquemas de corrupção via 'rachadinha' - quando um trabalhador contratado por indicação



Valcír Araújo

Aritatquatis alibus consecatius dolo con restiae. Itaquistis

política passa a repassar parte de seus salários a quem o indicou.

Uma contínua mobilização dos servidores contes-

tou a proposta de reforma administrativa ao longo de 2021 e terminou o ano comemorando a não aprovação da emenda consti-

tucional. Mas ela espera apenas o resultado final das eleições de outubro para voltar ao plenário da Câmara.

VEM PRA ADUFF

Sindicalização pode ser solicitada por e-mail ([aduff@aduff.org.br](mailto:aduff@aduff.org.br))

# Aduff dá boas-vindas a docentes

Novas professoras e professores foram recebidos com um café da tarde pela Seção Sindical, que está aberta a toda a categoria

Aline Pereira

Da Redação da Aduff

A Diretoria da Aduff acolheu os professores e as professoras recentemente aprovados em concurso público, que tomaram posse na Universidade Federal Fluminense. Promoveu uma tarde de diálogo e ofereceu um delicioso café da tarde aos novos colegas, que tiveram oportunidade para tirar dúvidas sobre promoção, progressão, previdência - além de um momento de socialização.

Inicialmente, a presidente Kate Lane saudou os colegas e os parabenizou pela chegada à Universidade. Ela resgatou a importância do sindicado dos docentes da UFF, que é parte do Andes - Sindicato Nacional, e há mais de 40 anos está em defesa dos direitos da categoria e também da Universidade Pública, de forma autônoma e classista.

"Vivemos hoje um ataque brutal ao movimento sindical do ponto de vista político e econômico. O governo Bolsonaro é aquele que persegue os militantes, movimentos sociais, os quilombolas, os indígenas", afirmou Kate Lane.

De acordo com a presidente, há um sistemático avanço de ataques por parte dos governos para desmontar o serviço público. No entanto, atualmente, durante o governo Bolsonaro, houve um aprofundamento dos cortes de recursos para a Educação Pública, além de ataques à autonomia universitária - quando 22 instituições públicas estão sob intervenção. "Nosso período é muito mais difícil do que o vivido em anos anteriores. Precisamos estar muito organizados para



Fotos: Luiz Fernando Nabuco

derrotar o fascismo nas ruas e nas urnas", avaliou a docente.

Na atividade, realizada no fim de agosto, a direção da seção sindical foi representada ainda pelos docentes Gelta Terezinha Ramos Xavier, Edson Teixeira da Silva Júnior, Poliane Gaspar de Cerqueira e Percival Tavares da Silva.

A seção sindical disponibilizou para os convidados publicações do Andes-SN e da Aduff, entre livros e cartilhas que apresentam questões importantes sobre a história e as conquistas do sindicato.

## Participação do jurídico

Os advogados Carlos Boechat e Gabriela Fenske, como representantes da assessoria jurídica da entidade, apresentaram aspectos gerais sobre a Lei 12.772/2012, que instituiu o Plano de Cargos do Magistério Federal - envolvendo o Magistério Superior e o Magistério de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico.

Deram dicas importan-



Recepção aos colegas esclareceu dúvidas e promoveu integração

tes relativas ao processo de estágio probatório e sobre a aceleração de promoção e de progressão na UFF. Distribuíram ainda a cartilha elaborada pela seção sindical, disponível para consulta também no site da Aduff ([www.aduff.org.br](http://www.aduff.org.br), no menu 'publicações').

Comentaram sobre o Funpresp, Regime de Previdência Complementar administrado por fundos de pensão. Disseram que, ao entrar no serviço público, o(a) trabalhador(a) tem o direito de optar se quer ou não aderir ao fundo complementar.

Embora seja uma decisão individual, o Andes-SN e a Aduff desaconselham a adesão ao Funpresp, pois ele não é poupança, e não é previdência; é um investimento de alto risco e, segundo pesquisadores da área, possui uma das mais altas taxas de administração do mercado.



"Não sabíamos de várias coisas, como a questão da Previdência e do Funpresp, por exemplo. Foi bem esclarecedor."

*Mariana Bruce (História)*



"A atividade apresentou resposta para as nossas dúvidas. Particpei de uma oficina da Progepe sobre o estágio probatório, na modalidade virtual, mas minha crítica é que ela responde pouco às questões sobre o tema em si - falava sobre novas metodologias de ensino, sala de aula invertida e coisas assim. Fiquei muito satisfeito com a atividade do sindicato."

*Felipe Leite (Economia)*



"A sindicalização é importante para o fortalecimento da luta da categoria e da classe. O sindicato é um instrumento de organização coletiva, que pode trazer ganhos significativos para nossa carreira e para a melhora da nossa condição de vida e de trabalho."

*Luis Felipe Scalett (Educação Física - Coluni)*



"A atividade foi ótima. Muita coisa foi esclarecida [na reunião]. Me sindicalizei porque é importante ter um grupo que me represente, que lute pelos nossos interesses. Espero poder contribuir também"

*Eduardo O. Ribeiro de Souza (Educação)*



"Gostei muito do acolhimento. Houve clareza no esclarecimento das nossas dúvidas e tivemos espaço para falar. Estou na UFF desde março deste ano e não sabia que, com 24 meses, poderia pedir aceleração da progressão. Além disso, os medos que temos muitas vezes não são reais"

*Adriana Barbosa da Silva (Educação)*



Assessores jurídicos e presidente da Aduff (à dir.) conversam com os docentes: sindicalização é resistência

## Importância da filiação ao sindicato é destacada num momento de graves ataques do governo à universidade pública no Brasil

É fundamental a gente se organizar para defender conquistas e resistir, afirmaram os novos docentes que se associaram à Aduff

"Eu estou há 45 anos na UFF como professor. Fiz bons investimentos na vida e um deles foi o sindicato", disse o professor Jairo Salles, vice-diretor da Faculdade de Educação, em enfático depoimento ao final do evento na Aduff, no qual também alertou para os problemas que hoje atingem a vida acadêmica. "Estamos indo para um imenso sucateamento nunca visto na universidade", disse, sobre os impactos dos projetos de Bolsonaro, e defendendo a necessidade das lutas coletivas: "quem tem sindicato não está sozinho", resumiu.

A experiente voz docente falou sobre novas filiações à Aduff. "É importante me sindicalizar para ter um grupo que me represente e eu possa estar lutando por meus direitos, contribuindo para isso, além de melhorar o meu entendimento das dinâmicas da universidade", explicou, à reportagem, o professor Eduardo Oliveira Ribeiro de Souza, também da Faculdade de Educação,

que disse ter ficado preocupado com os relatos da situação da universidade a que abraçou. "A melhor coisa que aconteceu na minha vida foi começar a trabalhar na UFF", disse.

"Estou me sindicalizando porque eu acho que o sindicato é uma ferramenta importante não só para defesa dos nossos interesses, professores do magistério superior, mas também como uma forma da gente conseguir ter atividades com caráter mais formativo e informativo", disse o professor Felipe Leite, da Faculdade de Economia, avaliando que as condições de trabalho da UFF ainda se mantém num bom patamar, incomparável a de outra experiência que teve, na UFRRJ, como professor substituto.

### Luta que segue

A professora Mariana Bruce, do Departamento de História, disse que direitos são conquistas de processos nunca completamente con-

solidados. "Precisam ser ampliados, radicalizados, pois podem ser retirados de nós. Precisamos estar organizados, vigilantes e propositivos", defendeu.

Perguntado sobre o que diria a quem acaba de chegar à UFF e não vê importância em se sindicalizar, Felipe é direto: "isso é fundamental". É parte indispensável das condições necessárias para buscar melhorias e preservar o que já foi conquistado, disse.

Quem como ele está entrando agora, ponderou, precisa compreender que todos integram uma história que segue sendo construída: "existiam pessoas que estavam antes batalhando, inclusive para a carreira do magistério superior existir".

Eduardo também considera isso um papel importante dos sindicatos. "Para que a gente fique sabendo destas caminhadas, destes acúmulos através dos nossos colegas, resgate e preservação da história e das lutas", constata. (HLF e AP)

## O DESTRUIDOR

Eleito, disse que vinha para destruir. Cumpriu: cortou recursos de maio de 2019 a outubro de 2022

# Do início ao fim, Bolsonaro cortou verbas da Educação

Cortes em plena campanha eleitoral, cujo impacto fez o governo prometer reverter, soam como aviso do que as universidades e institutos federais podem esperar caso ele seja reeleito

Da Redação da Aduff  
Por Helcio Duarte Filho

O presidente Jair Bolsonaro autorizou algo provavelmente inédito na história eleitoral brasileira: um corte orçamentário que, segundo a associação que reúne os reitores e reitoras das universidades federais (Andifes), "inviabiliza" o funcionamento das instituições de ensino.

Cortes orçamentários promovidos pelo governo Bolsonaro não são novidade. O primeiro ocorreu ainda nos meses iniciais de gestão, que levaram aos poderosos protestos de maio de 2019. O que é novidade na história eleitoral brasileira é um bloqueio orçamentário desta magnitude ocorrer às vésperas das eleições gerais.

Diante da contundente reação das comunidades acadêmicas e da repercussão negativa de mais um corte, o ministro da Educação, o desconhecido Victor Godoy, correu para desmentir o corte. O ministro mentiu, disse que não havia bloqueio de verbas. Houve. E foi publicado em Diário Oficial.

## Fake

A ideia que o ministro tentou passar é a de que aquilo era apenas um ajuste contábil, envolvendo o bloqueio de cerca de R\$ 700 milhões das universidades federais e mais de R\$ 3 bilhões da educação pública como um todo. E que em dezembro os recursos seriam repostos.



Fotos: Luiz Fernando Nabuco

Na foto ao lado, UFF foi às ruas em maio de 2019 contra cortes na Educação. Na foto abaixo, "Bolsonaro Nunca Mais", em abril de 2022, no Rio

Possivelmente, um ajuste para assegurar recursos para antecipar pagamentos do Auxílio Brasil – para que fossem depositados nas contas de milhões de brasileiros que passam a fome que Bolsonaro disse não existir antes da votação do segundo turno, em 30 de outubro de 2022.

O que nem Godoy e nem Bolsonaro explicaram é como estudantes que passariam fome sem o auxílio estudantil se alimentariam retroativamente nestes dois meses que antecedem dezembro. Aliás, Bolsonaro, pouco antes do ministro, já havia declarado que "nas universidades [federais] não falta nada".

Frase que certamente se encaixa no mesmo rol da que disse quando tentou convencer que não existe fome no Brasil. 'Você não vê ninguém na porta das padarias pedindo comida', afirmou – numa argumentação que de tão inverossímil dispensa contestações e que, logo depois, atribuiu a interpretações erradas da imprensa.



## Prazo de validade?

O que há dúvidas é se o desbloqueio dos recursos vai mesmo acontecer e se a medida tem prazo de validade: o que acontecerá após o dia 30 de outubro, quando as urnas forem fechadas e os votos contabilizados?

Por outro lado, o que não se tem dúvida entre os dirigentes sindicais da Aduff, do Andes-SN e demais seções sindicais é que o corte orçamentário em pleno processo eleitoral é antes de mais nada um involuntário recado: do que vem por aí se o presiden-

te Jair Bolsonaro for reeleito - risco que os resultados do primeiro turno reacenderam e com força.

Faz pouco tempo, o chefe da Economia, o superministro Paulo Guedes, defendeu numa palestra para empresários que as universidades federais deveriam ser privatizadas. Ou, pelo menos, serem cobradas mensalidades dos estudantes que possam pagar num país sob comando – ou à deriva, para muitos – de um presidente que não vê nem fome nem insegurança alimentar e tampouco

gente nas ruas pedindo comida e esmolas.

No ponto de vista da Educação, independente de opções partidárias e da evidente necessidade de manter estas lutas seja qual for o resultado eleitoral, é isto que, inexoravelmente, estará em disputa nas urnas no dia 30 de outubro. É para esta luta imediata, derrotar Bolsonaro – nas urnas e nas ruas – que a direção da Associação dos Docentes da UFF, seção sindical do Andes-SN, está convocando a categoria docente e a comunidade acadêmica.

Ele quer destruir a universidade pública e gratuita

VOCÊ VAI DEIXAR?



# Pela memória, por justiça

Homenagem a Marielle Franco, estátua em tradicional espaço político do Rio remete à preservação da memória e à luta por justiça cinco anos após seu assassinato

Da Redação da Aduff  
Por Lara Abib

Depé, sorrindo, com punho em riste. É essa a imagem eternizada de Marielle Franco na estátua instalada na Praça Mário Lago, conhecida como Buraco do Lume, no Centro do Rio de Janeiro.

Familiares, amigos e admiradores da ex-vereadora celebraram a vida, a memória, a justiça e a reparação quando inauguraram a estátua em homenagem à quinta vereadora mais votada do Rio de Janeiro em 2016.

Para a irmã de Marielle, Anielle Franco, a imagem é "um símbolo de resistência e de amor" e um convite para debater a importância da memória, "discussão tão cara para o povo negro e para as mulheres negras".

"Tem sido quase cinco anos incansáveis, pedindo por justiça, lembrando que a gente segue sem saber quem mandou matar a Mari. Ter essa estátua ressignificando esse lugar, onde ela esteve e discursou tantas vezes e onde muitas pessoas, que votaram nela, conheceram ela aqui, é muito especial. Para mim, hoje, além da emoção do aniversário dela, é a importância de saber que a minha irmã está aqui, mais um pedacinho [dela] com a gente", disse a diretora do Instituto Marielle Franco, fundado por seus familiares e responsável pela campanha de financiamento coletivo que deu origem a estátua.

## Memória

"A memória é a semente para novos futuros" foi o tema da aula pública ministrada durante o evento que inaugurou a estátua, em 27 de julho de 2022, pela profes-

Em tamanho real, a estátua foi esculpida pelo artista plástico Edgard Duvivier e custeada por uma campanha de financiamento coletivo

sora de Direito Thula Pires e pela escritora Eliana Alves Cruz, com fala de abertura da ativista e militante do movimento negro Fatou Ndiaye, de 17 anos. No mesmo dia, Marielle Franco completaria 43 anos de idade.

"Marielle fez história. Isso aqui que a gente está fazendo é história. Lembrar a luta e a memória de uma das mulheres mais fenomenais que a política brasileira teve o prazer de ter como parlamentar, é olhar para o trabalho que ela vinha desenvolvendo e pensar como dar continuidade para ele. Eu vejo a educação como chave para isso. A gente não pode falar de resgate de memória sem falar de educação", disse a jovem estudante.

## A força motriz

Doutora em Direito Constitucional e professora da PUC-RJ, Thula Pires destacou vários aspectos do tema, como, no campo político e jurídico, pensar a memória como a possibilidade de dizer a verdade, estabelecer a justiça e promover a repa-



Luiz Fernando Nabuco

ração. "A gente não admite que se repitam os processos históricos de interrupção de mulheres negras neste país. Ao nos olharmos nos olhos, reconhecemos em nós a possibilidade de construção de uma sociedade em que seja possível viver. Uma sociedade que faça um pacto inegociável pela possibilidade de uma existência plena, humana, para todas as formas de ser e estar no mundo", disse a docente.

Thula foi além. "Se a gente prestar atenção em como a gente escreve memória, encontra a palavra 'ori', que é exatamente para atribuir orientação. Na percepção amefricana, como gosta Lélia Gonzalez, 'ori' também pode significar cabeça, seja ela física ou interior, aquela que guia, referencia, orienta", frisou.

Para Thula, a "orientação pela cabeça" só acontece por meio da comunidade. "É na comunidade que a orientação pode ser apreendida como deslocamento, como força para caminhar. Coser

as histórias individuais e coletivas estendidas e constituídas na diáspora africana e focalizar as narrativas dos caminhos constituídos por pessoas negras na travessia de se refazerem e se reconstruírem como sujeitos e comunidades políticas. A ideia é também cartografar o ressurgimento das memórias usurpadas pelo legado da colonialidade", disse.

De acordo com a professora, ter 'ori' como força motriz para a produção da memória significa compreender a própria memória como indissociável da cultura. "Estamos aqui para dar continuidade aos processos políticos de todas as mulheres negras que tornaram Marielle possibilidade", finalizou.

## 'Decidimos não morrer'

Última a falar, a escritora Eliana Alves Cruz pontuou que estava presente para trocar experiências e registrar memórias. "Quando a gente faz isso, a gente devolve dignidades solapadas

às pessoas vieram para este país sequestradas. É como se não tivessem existido na história brasileira até bem recentemente. O que tentaram fazer com Marielle é esse apagamento da forma mais radical. Aliás, prática recorrente na história do Brasil. Só que não contavam que a gente decidiu lembrar. E como diz a maga Conceição: 'também decidiu não morrer'. Precisamos levar essa convicção para o coração todo dia, porque todo dia é uma barra acordar neste país", refletiu.

Para a escritora, embora seja batida, a esperança também é uma palavra de certeza de que a vida continuará. "Toda vez que a gente se une em torno da vida, a vida se estabelece, a vida se impõe. O Brasil não é um país sem memória, o Brasil lembra. A memória seletiva do Brasil quer esquecer determinadas coisas e lembrar de outras. Mas a gente está aqui para dizer que fazemos parte, que este país é nosso e não iremos esquecer", encerrou.

# Solidariedade de classe contra a fome e a carestia

Sem perder a perspectiva de que é preciso lutar por transformações sociais, a Aduff participa da articulação de uma Rede de Solidariedade de Combate à Fome



Luiz Fernando Nabuco

Manifestantes do Grito dos Excluídos no Rio, no Sete de Setembro, diante de cartazes que denunciam a carestia

Da Redação da Aduff  
Por Aline Pereira

A partir de uma articulação no Conselho de Representantes da Seção Sindical, a Aduff-SSind é parte integrante da construção de uma Rede de Solidariedade de Combate à Fome.

A iniciativa conta com o envolvimento de outras entidades – como MTST, SOS Emprego, Associação de Moradores da Chácara e do Arroz, Comunidade Lara Vilela, MLB, Fórum de Moradia, SG, Mutirão do Bem Viver, OLT, Setorial de Negros e Negras Marielle Franco, Setorial de Favelas, Projeto de Educação Popular no José Bonifácio – que se uniram para realizar ações que possam minorar

os efeitos da fome e da insegurança alimentar entre comunidades carentes da cidade de Niterói e região.

No início de setembro, o bolsista Darlan da Cruz Souza, contratado para atuar no projeto, apresentou o mapeamento, a localização e os dados de diferentes organizações educacionais, culturais e assistenciais, entre outras, que atuam no combate à fome.

A próxima fase é ampliar as ações da Rede de Solidariedade, como explica a professora Gelta Xavier, da Faculdade de Educação da UFF e dirigente da Aduff: nossa intenção é expandir as ações da Rede, principalmente visando a aumentar as contribuições, comunicarmo-nos eficiente-

mente com os professores e as professoras que possam aderir à campanha", afirma a docente.

Para João Claudino Tavares, professor da UFF em Rio das Ostras e diretor da Aduff, o momento é de dificuldades e incertezas extremas, de vulnerabilidades sociais acentuadas tanto pela pandemia quanto pela política genocida do atual governo federal. "Nossa atenção à solidariedade aos que enfrentam a fome crônica, deve ser e tem sido muito maior. Devemos e temos cobrado firmemente políticas públicas de combate à miséria e à fome, em particular. É muito triste, muito duro, ver pessoas tendo suas dignidades humanas violadas e violentadas pela fome crôni-

ca. O estômago gritando, o ser agonizando. As estatísticas mostram e as imagens escancaram as situações de fome e vulnerabilidades da classe trabalhadora no Brasil", aponta.

Segundo o professor, a temática tem sido pauta central de análises de conjuntura dos dirigentes do sindicato. Os próximos objetivos são também dar visibilidade, nos canais de comunicação da Aduff, para os movimentos sociais que se dedicam ao combate à fome, conclamando os professores e as professoras a contribuírem diretamente com esses coletivos. "Esperamos estimular contribuições diretas de docentes junto a quem coordena as arrecadações, realizar de-

bates sobre a temática com especialistas e ativistas sociais mobilizados e elaborar documentos, cartilhas, textos de discussão, orientados para a agenda dos direitos sociais", explica.

De acordo com Kate Lane de Paiva, professora do Coluni e presidente da Aduff, a campanha de solidariedade não erradicará a questão da fome no País, mas garante um prato de comida para quem precisa com urgência. "Lutamos para acabar com a fome e a pobreza, para superar essa sociedade que nos explora. Mas enquanto isso não acontece, além de mantermos a revolução no horizonte, não nos furtamos a fazer ações como essas de solidariedade de classe", afirmou.